



Diamantina



“Ó calma arquitetura onde os santos passeiam e com olhos sem sono observam labirintos de terra triste em que os destinos se entrelaçam.”

Cecília Meirelles



Em fins do século XVII, animados pela descoberta do ouro, bandeirantes e aventureiros embrenhavam-se cada vez mais pelo interior do Brasil. Nos primeiros anos do século XVIII, uma bandeira partiu da região de Serro Frio seguindo o curso do Rio Jequitinhonha. Ao encontrar grande quantidade do minério, estabeleceu-se às margens do córrego do Tijuco, fundando arraial do mesmo nome, mais tarde a cidade de Diamantina. Porém, não foi a mineração de ouro e sim a descoberta de diamantes que marcou a história de Diamantina e fez com que esta se diferenciasse das outras cidades mineradoras.

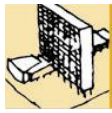


Diamantina foi uma das primeiras cidades brasileiras tombadas como monumento histórico pelo Iphan. O tombamento ocorreu em 1938, juntamente com outras cinco cidades do Ciclo do Ouro.

Situada no nordeste do Estado de Minas Gerais, no vale do Jequitinhonha, a 1200 m de altitude, tem ao fundo a Serra dos Cristais. Seu centro histórico forma com a serra uma autêntica paisagem cultural. Em 1999, devido a seu valor de singularidade e autenticidade, teve aceita sua inscrição na lista do Patrimônio Mundial da Unesco.



Foi a bandeira paulista liderada por Jerônimo Gouveia que, em 1713, tendo encontrado grande quantidade de ouro na região, fundou o Arraial do Tijuco. Seis anos depois foram encontrados os primeiros diamantes. Para melhor controlar a região e impedir o contrabando, a Coroa Portuguesa criou uma administração própria para o Distrito - a Intendência dos Diamantes.



Regida por leis particulares, debaixo do mando de autoridades especiais, os contratadores, Diamantina vivia como uma colônia isolada do resto do Brasil.



A fusão da arquitetura, do traçado urbano e das montanhas ao fundo caracteriza a paisagem urbana de Diamantina. Implantada em uma colina e apresentando um desnível de 150 m, proporciona ao visitante agradáveis surpresas, oferecendo imagens pitorescas a todo instante. Sua arquitetura distingue-se pelo despojamento da composição e dos materiais construtivos. As características do território e um certo isolamento vivido pela cidade propiciaram uma pureza maior na arquitetura de Diamantina, dentro do universo do patrimônio setecentista brasileiro.

1. Diamante

Criada em função da exploração do ouro, Diamantina cresceu e se consolidou devido à descoberta de diamantes em 1720. A partir daí, criou-se uma administração especial para o território, a Intendência dos Diamantes. Inicialmente a Intendência controlava a extração e comercialização do diamante, por intermédio do contrato, que era um monopólio particular. Depois este foi substituído pela Real Extração, com o monopólio da Coroa.



Por meio do Regimento Diamantino de 1771, conhecido como Livro da capa verde, a Coroa criou a Junta Diamantina, subordinada diretamente à Lisboa. Em meados do século XIX, a Real Extração foi extinta, tornando-se livre o arrendamento das jazidas.



No início do século XX foram instaladas as primeiras companhias estrangeiras de mineração mecanizada, bem como serviços de lapidação. Porém, ainda em meados do século XIX a mineração já apresentava francos sinais de decadência, com a descoberta de grandes jazidas de diamante na África do Sul.

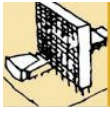


Seu traçado urbano apresenta a configuração típica das cidades do Ciclo do Ouro, com malha em padrão irregular, ruas adaptadas à topografia acidentada do terreno e edifícios públicos servindo como referência dentro do espaço urbano. Como todas as cidades coloniais mineiras, Diamantina acha-se incrustada em uma escarpa montanhosa. A perspectiva gerada pelas diferentes alturas dos telhados e das torres das igrejas marca a paisagem da cidade. A extraordinária riqueza gerada pela extração de diamantes possibilitou a construção de templos e residências de grande apuro técnico e estilístico, pois era possível importar materiais de acabamento diretamente da metrópole portuguesa. Das sete igrejas implantadas no Núcleo Histórico, destaca-se a de Nossa Senhora do Carmo.

2. Igreja de Nossa Senhora do Carmo



Obra-prima da arquitetura religiosa mineira, a Igreja de Nossa Senhora do Carmo destaca-se por suas proporções e pelo requinte da ornamentação interna, cujos trabalhos levaram cerca de 20 anos para ficar prontos. É singular, no templo, a inusitada solução da torre única na fachada posterior e as lendas ligadas à figura de Chica da Silva, amante do contratador José Fernandes, que teria custeado as obras da capela-mor. A pintura dos forros em perspectiva ilusionista, de



autoria de José Soares de Araújo e o conjunto de talha dos retábulos, de Francisco Antonio Lisboa, ajustam-se em exemplares de perfeita unidade estilística. José Soares de Araújo, natural de Braga, norte de Portugal, admirado pela originalidade de seu trabalho, dá mostras de sua genialidade no forro da capela-mor, em abóbada de berço.

A composição é marcada por ornatos dourados com anjos marmóreos, vasos entrelaçados às balaustradas e guirlandas pendendo das cimalkhas. Esta pintura é uma das primeiras aplicações, em solo mineiro, de conhecimentos da pintura ilusionista, empregando os protótipos romanos de Andréa Pozzo. No forro da nave, assim como no restante da decoração do templo, a técnica pictórica da trama arquitetônica repete a da capela-mor.

3. Traçado Urbano

O traçado de Diamantina é resultado dos caminhos de ligação entre os primitivos arraiais, apresentando maior regularidade na área central, mais plana e mais densa. A arquitetura é o elemento estruturador da forma urbana, com os principais prédios desempenhando um papel importante na paisagem. As igrejas mais antigas, Santo Antônio e Rosário, a Casa da Intendência e a Casa do Contrato formaram o sítio urbano. As igrejas do Amparo, São Francisco e Bonfim o consolidaram. As edificações residenciais, preponderantemente dos séculos XVIII e XIX, apresentam a mesma tipologia de fachada, marcadas por linhas sóbrias de influência maneirista.



Esta homogeneidade é resultante da permanência do mesmo sistema construtivo, que utilizava a estrutura em madeira e o pau-a-pique nas vedações. Igrejas e casarios caiados de branco e vivamente coloridos em seus detalhes, muxarabiês, balcões com pinhas de vidro, rótulas treliçadas e pavimento em lajes de pedra, tendo a onipresente imagem da Serra dos Cristais ao fundo, compõem a imagem urbana de Diamantina.

A casa de Chica da Silva, negra que usufruiu de privilégios só concedidos aos brancos poderosos por ser amante de um deles, é uma das referências da história de poder e conflito na região de Diamantina.



Dois outros imóveis são representativos da história da cidade: a casa do Padre Rolim, cujos bens foram confiscados em razão de seu envolvimento com a Inconfidência Mineira, e onde hoje funciona o Museu do Diamante; e o Mercado Municipal, construído em fins do século XIX em local que abrigava um rancho de tropeiros, destinado ao descarregamento e comercialização de mercadorias.

4. Casa do Padre Rolim



José da Silva de Oliveira Rolim nasceu em 1747, em uma das famílias mais ricas do Arraial do Tijuco, a do sargento-mor José da Silva Oliveira, caixa da Real Extração. Sem qualquer explicação, recebeu ordem para deixar o distrito diamantino, juntamente com seu irmão Plácido. Em Vila Rica, estabeleceu contato com os inconfidentes, entre eles o Tiradentes. Recebeu a missão de conquistar adeptos para a causa no Arraial do Tijuco e no norte de Minas, mas foi denunciado por Joaquim Silvério dos Reis, que o acusava de ser um dos líderes do movimento.



Preso e enviado para Vila Rica, respondeu a rigoroso inquérito, sendo enviado para a prisão em Lisboa, Portugal. Depois de onze anos, a rainha D. Maria I libertou todos os sacerdotes que participaram da Inconfidência Mineira. De volta ao Tijuco em setembro de 1822, quando viu se



tornarem realidade seus sonhos de liberdade, o Padre Rolim viveu na pobreza, mesmo tendo recuperado parte do que lhe tinha sido confiscado.

Falecido a 21 de setembro de 1835, foi sepultado no cemitério da Igreja do Carmo, em Diamantina.

5. O Mercado Municipal



O Mercado de Diamantina, localizado no antigo Largo da Cavalhada, atual Praça Barão de Guaicuí, é um importante ponto de referência no espaço urbano histórico. Sua localização privilegiada, somada ao seu uso intensificado, propiciou uma animação pública ao seu redor, fazendo do Mercado um marco característico de especial significado na cidade, pois representou durante longo tempo o seu mais importante espaço comunitário e ponto inicial e terminal de trocas.



O prédio, construído em 1835 pelo tenente Joaquim Casimiro Lages para sua residência e comércio, também serviu como rancho para tropeiros, sendo conhecido como Intendência dos Lages. Tal denominação definia os locais destinados ao descarregamento e comercialização de mercadorias vindas de outros lugares.

O conjunto arquitetônico e urbanístico de Diamantina acha-se bastante preservado, sendo possível reconhecer no seu atual desenho a planta do núcleo urbano consolidado no século XVIII. A cidade apresenta não só monumentos significativos para a história da Arte e Arquitetura dos séculos XVII, XVIII e XIX, mas também o século XX se faz presente por meio de várias obras do arquiteto Oscar Niemeyer.